

MÚSICA  
7 OUTUBRO 2016

# Vijay Iyer Trio

Break Stuff

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Sex 7 de outubro**  
**21h30 · Grande Auditório**  
**Dur. aprox. 1h15 · M6**

**Piano** Vijay Iyer  
**Contrabaixo** Stephan Crump  
**Bateria** Justin Brown

## Música para dançar

Com esta terceira vinda à Culturgest do Vijay Iyer Trio, continuamos a poder seguir a evolução das pesquisas que o líder pianista desta formação e os seus parceiros – Stephan Crump no contrabaixo e agora Justin Brown, em substituição de Marcus Gilmore, na bateria – vêm realizando em torno do ritmo. Primeiro ouvimo-los a apresentar o álbum *Historicity*, de 2009 (concerto em 2011), e depois *Accelerando*, de 2012 (tocado ao vivo entre nós em 2013). Desta feita, é *Break Stuff*, de 2015, que nos irão dar a ouvir, com a importância de, entre todos, ser o disco que mais longe vai na busca de novos parâmetros a partir dessa tradição a que chamamos jazz e de outras músicas que nasceram

nos Estados Unidos, como o *funk* e o *hip-hop*. Este é, aliás, um fator-chave no pensamento de Iyer: «A minha identidade como artista está ligada ao último século da vida americana e a todo o seu fluxo de música. E se outros fluxos existem no que faço, perceciono-os com um ponto de vista americano. Tyshawn Sorey chamou-me uma vez de “americano” e acho que tem razão. Sou um americano de ascendência indiana que tem valências com as comunidades afro-americanas e com outras ditas “de cor”», comentou já a propósito.

A premissa das inovações rítmicas introduzidas por Vijay Iyer está no próprio título do projeto *Break Stuff*. Os *breaks*, ou pausas, a que faz alusão são os mesmos que se praticam, por exemplo, no rock (*breakbeats*) ou no *rap* (*breakdance*) e que ele define como «períodos nos quais podemos agir» ou «momentos em que tudo pode ganhar vida». Refere-se ele aos intervalos entre notas, aos espaços, às respirações, em suma, aos silêncios. Nenhuma pulsação, nenhum padrão rítmico, é possível sem a utilização do silêncio como elemento propriamente musical e não como o contrário do som, mas se esta perceção é quase de senso-comum, o antigo físico que nos volta a visitar desenvolveu-a de tal modo que fez dela uma fórmula. Implicadas estão uma fragmentação estrutural da música, a suspensão ou interrupção de uma trama (que pode tomar a forma de um sincopante pára-arranca-pára) e uma abordagem pontilhística das construções, nesse sentido funcionando como o aprofundamento, até ao extremo das possibilidades, da

maneira como Thelonious Monk tocava. Numa frase com, por exemplo, sete notas este deixava três à imaginação do ouvinte.

É assim que, no CD em causa, o tema *Hood surge* como um tributo a um pioneiro do *techno* de Detroit, Robert Hood, que uma composição de John Coltrane, *Countdown*, seja objeto de uma revisão inspirada na música para percussão da África Ocidental ou que, em *Mystery Woman*, seja invocado um raga do Sul da Índia. Em todos esses casos, seja com partituras próprias ou com apropriações de clássicos da história do jazz e de canções do domínio da pop, Vijay Iyer enfatiza que o ato de não tocar é tão essencial como o de tocar e que as “brancas” colocadas entre os sons são tão fundamentais quanto os próprios sons. Este imperativo do silêncio pode até fazer com que nesta fase do músico pareça haver pouco para ouvir, mas a realidade é que, se *Historicity* e *Accelerando* eram já obras transformadoras, *Break Stuff* atinge um nível renovador que por todos tem sido reconhecido. Não só nesse particular como no facto de se jogar com a própria noção de tempo, mediante o uso de repetições, subtis variações e sobreposições de métricas dissemelhantes que fazem com que a música vá mudando e ganhando em efeito dramático e em tensão.

Essa caracterização de novidade e diferença acontece também numa perspectiva de redução de materiais, e não apenas porque as faixas que compõem este disco e que serão interpretadas em palco são adaptações de peças originalmente destinadas a agrupamentos mais

extensos, designadamente um sexteto (*Hood*) e um *ensemble* de 18 elementos (*Open City*). Iyer chama a tal *modus operandi* de «subtração» e este é muito mais do que retirar timbres instrumentais ou até proceder a uma «destilação» de componentes: «Trata-se de outra coisa, de algo como fazer uma versão *dub* de um tema», diz, aludindo às manipulações de estúdio do *reggae*. Ou seja, cada “canção” é «tratada como um ambiente ou como uma canção sem a canção». Isto implica uma atitude particular relativamente à escrita. Muitas das composições de Vijay Iyer, mesmo quando o que ouvimos aparenta um elevado grau de complexidade, são por ele entendidas como «tarefas», simples indicações de procedimentos. «Podem ser muito específicas em certos aspetos, mas noutros deixam tudo à decisão no momento dos músicos. Por exemplo, digo ao executante para tocar dois ou três intervalos com a mão direita numa determinada linha, mas não defino como deverá ser essa linha e que dinâmica ou *tempo* tem de utilizar. O que quer dizer que quase tudo o que fazemos é improvisação», explicou numa entrevista.

Se as pautas são abertas, não há propriamente determinismo composicional ou do compositor, ou melhor, os restantes elementos do trio participam na composição – ainda que na altura da *performance*, improvisando. Assim como não persiste a convencional hierarquização de papéis que encontramos num trio de piano jazz: o Vijay Iyer Trio atua coletiva e igualmente, e se por vezes julgamos reconhecer um solo, este não é mais do que um aspeto,

sublinhado, da interação de conjunto. O relevo no grupo do contrabaixista e do baterista equipara-se com o do pianista, e este, sendo o mentor do projeto, pode aparecer bastante frequentemente como um acompanhante. Aliás, só dirige realmente quando dá as deixas para o que se fará a seguir, surgindo estas espontaneamente e não de um cálculo predeterminado. Ainda que esta alteração funcional chegue ao ponto de destinar à bateria uma intervenção melódica e harmónica (e daí que se refira a influência de Max Roach na música do trio), já que o piano se detém, sobretudo, nos planos rítmicos.

Ora, porque esta é uma música de marcações, pontuações e sínopes, o peso nela da contagem é bem capaz de ser maior do que na generalidade do jazz. Iyer irrita-se, no entanto, quando a crítica a apresenta como algo de cerebral, ligando essa circunstância ao facto de ele ter formação superior em física e de haver o estereótipo de que “os indianos são bons em matemática”. «Regra geral, essas considerações acompanham a tendência dos críticos, que são maioritariamente brancos, para determinar o que a “música negra” é ou devia ser, o que não passa de puro racismo. Se eu fosse negro e tocasse exatamente a mesma música, com certeza que não diriam que sou “matemático”, pois parte-se do princípio de que a música de um afro-americano não pode ter conceito, rigor ou conhecimento, e isso, repito, é racista. Tive a sorte de trabalhar com figuras como Steve Coleman, Butch Morris, Wadada Leo Smith, Roscoe Mitchell e

George Lewis, e todos eles são grandes pensadores, são intelectuais», comenta recorrentemente.

Eis, portanto, uma prática musical que procura verificar o que acontece nas pausas, tendo a noção de que nestas se pode «criar situações que possamos improvisar». A fórmula tem mais que se lhe diga e pressupõe uma aprendizagem, sobre «como se ouve e como se percebe o que se ouve, e como se relaciona o que ocorre musicalmente com as nossas próprias contribuições criativas individuais». Este tipo de atitude envolve ter uma noção de «como o corpo age e de como a música é feita de ação corporal». Estes fatores, segundo Vijay Iyer, provêm do lado científico da música. E a ciência, aqui, não é a da matemática, mas da motricidade humana, da anatomia em movimento, da biofísica. É, também, uma ciência social, pois a música é um ato que só pode ser vivido socialmente, «é interdependente, dado que criamos para e com os outros». Como já afirmou, não se trata de tocar uns «sons bonitos», mas de coreografar «um *ballet*» que nos chame a todos, os músicos que estão no palco e os ouvintes.

Isso faz-se por uma gestão de energias, e nesse ponto percebe-se porque é que Vijay Iyer aprecia tanto o formato trio: «Só três é que se podem tornar um, nunca dois. É a três que se resolvem as diferenças existentes entre dois, criando um balanço de energias e disposições.» Neste capítulo, o pianista de Nova Iorque insurge-se contra aqueles que abstraem as energias musicais das pessoas que as produzem,

objetificando um disco ou um concerto. «Quando ouvimos música estamos a ouvir uma pessoa ou um grupo de pessoas, e a verdade é que ouvimos tudo o que ela ou elas são. A música revela o que somos de um modo que nenhum outro meio supera», acha. Mas não é um essencialismo do ser que nos transmite, ou se é tem em conta que a nossa essência como indivíduos não é uma coisa inerte, e sim algo que está em permanente evolução. É essa nossa característica profunda que mimetiza musicalmente: «Abraço a mudança e permito-me a transfiguração. Pode ser que o que eu faça na próxima semana não seja do agrado de quem gostou de mim na semana passada, mas pouco importa. O que realmente importa é o momento, o instante do fazer musical para, com e entre os outros. Nada mais existe. Nenhum de nós quer ter uma existência sempre igual. Manter uma identidade fixa significa ser todos os dias o mesmo, e nós queremos mudar, queremos crescer.»

A improvisação permite que a música não seja objetificada, na medida em que expõe o processo. A *break stuff* do Vijay Iyer Trio não podia ser mais processual e, nesse sentido, desestabilizadora de um entendimento cristalizador do jazz. «É isso que nos dá força, que nos renova em cada dia como músicos e como pessoas», argumenta. Jazz? A designação incomoda o também professor em Harvard: «Insiro-me na tradição de resistência a esse termo que é tão velha quanto o próprio termo, pelo facto de ser usado para banalizar e reduzir, ou para apropriar, a criatividade negra.

O Coltrane disse uma vez que “jazz é apenas a palavra que escolheram para vender a nossa música” e concordo com ele.» Jazz é um nome branco que delimita a amplitude da música que refere, incompatível com o que muitos *jazzmen* fizeram de facto, como foi o caso do autor de *Expression*: «Ele insistiu na possibilidade de autotransformação através da música, e é isso o que eu igualmente faço.»

Esta não é só uma opção estética, é uma opção ética e uma opção política. «Para mim, jazz é o presente estágio do *continuum* de uma história de comunidades, de ideias e de lutas, é um património vivo, não um género musical institucionalizado. Aquilo a que se chama jazz é tão diverso, tão amplo e tão aberto que esse *tag* se tornou absurdo», defende Iyer. A forma como vê o ritmo, valorizando acima de tudo o que este lhe faz sentir e como lhe põe o corpo a mover-se, não corresponde minimamente a uma perspetiva conservacionista do jazz. «Eu podia ser um produtor de *hip-hop*», afirma com humor. Sim, as investigações rítmicas deste trio só poderiam ser realizadas por quem ouviu, e com muito prazer, De La Soul, A Tribe Called Quest, Ice-T e LL Cool J. Que são, para todos os efeitos, expressões derivadas desse preciso *continuum* musical da diáspora africana na América e no mundo. Não, a matemática não nos faz dançar, mas Vijay Iyer sim...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música, editor da revista *online jazz.pt*

O compositor e pianista Vijay Iyer, nomeado para os Grammy (um título de prestígio nos EUA que as biografias dos músicos sempre referem), foi descrito por *Pitchfork* (revista diária *on line* americana, dedicada à música) como “um dos mais interessantes e fundamentais jovens pianistas dos nossos dias”, pelo *Los Angeles Weekly* como “uma muito importante jovem estrela, livre, sem limites” e pela Rádio Pública de Minnesota como um “tesouro americano”. Foi nomeado pela revista *DownBeat* Artista do Ano em 2016, 2015 e 2014, foi MacArthur Fellow em 2013, e Doris Duke Performing Artist em 2012. Em 2014 iniciou a sua ligação ao Departamento de Música da Universidade de Harvard, como Franklin D. and Florence Rosenblatt Professor of the Arts.

O *New York Times* observou que “provavelmente não há nenhuma moldura suficientemente ampla para conter toda a atividade criativa do pianista Vijay Iyer”. Iyer gravou 20 álbuns que cobrem terrenos musicais muito diversos. Recentemente tem gravado para a célebre editora ECM. De entre os seus mais recentes discos, encontram-se *A Cosmic Rhythm With Each Stroke* (2016), uma colaboração com o seu “herói, amigo e professor” Wadada Leo Smith, que o *Los Angeles Times* considerou “impressionante, meditativo, arrebatador”, *Break Stuff* (2015), que foi “classificado” com 5 estrelas pela *DownBeat* (e por muitas

outras publicações; Rodrigo Amado, no *Público*, deu-lhe igual “classificação”), uma gravação do seu trio, agrupamento que a *PopMatters.com* (revista *on line* internacional independente, e muito influente, de crítica cultural), considerou “a melhor banda de jazz”, *Mutations* (2014), com composições de Iyer para piano, quarteto de cordas e eletrónica, que “estende e aprofunda a variedade da sua obra... revelando um lado delicado, tremeluzente, translúcido da sua música” (*Chicago Tribune*) e *Radhe Radhe: Rites of Holi* (2014), “a sua obra mais provocadora e impressionante, a brilhante banda sonora de um emocionante filme de Prashant Bhargava” (*DownBeat*), tocada pelo International Contemporary Ensemble e editado em DVD e BluRay.

O trio de Vijay Iyer (Iyer no piano, Marcus Gilmore na bateria e Stephan Crump no contrabaixo), ganhou fama com dois tremendamente aclamados e influentes álbuns, *Accelerando* (2012) e *Historicity* (2009) (apresentados em concerto na Culturgest em, respetivamente, 2013 e 2011). Note-se que no concerto de hoje Marcus Gilmore dá lugar, como acontece sempre que não está disponível, a Justin Brown.

*Accelerando* foi considerado o Melhor Álbum de Jazz do Ano por três votações diferentes que reuniram centenas de críticos de todo o mundo: *DownBeat*, *Jazz Times* e *Rhapsody*, e foi também escolhido como álbum do ano pela National Public Radio, *Los Angeles Times*, *PopMasters* e Amazon.com. O Trio de Vijay Iyer foi nomeado em 2015, pelos críticos reunidos pela

*DownBeat*, como Grupo do Ano. Iyer tinha recebido nessa mesma votação, mas em 2012, cinco distinções, facto até então nunca ocorrido nas 66 edições anteriores: Artista do Ano, Grupo Acústico do Ano, Pianista do Ano, Álbum do Ano, Compositor Emergente do Ano. Iyer recebeu também da Jazz Journalists Association, em 2012 e 2013 o prémio de Pianista do Ano e, em 2010, de Músico do Ano. Em 2013 recebeu o prémio ECHO (o equivalente, na Alemanha, aos Grammy) do melhor pianista estrangeiro. *Historicity* foi nomeado em 2010 para os Grammy do Melhor Álbum Instrumental, foi escolhido como o Melhor Disco de Jazz de 2009 por *The New York Times*, *The Los Angeles Times*, *The Chicago Tribune*, *The Detroit Metro Times*, National Public Radio, *PopMatters.com*, *The Village Voice Jazz Critics Pool*, *DownBeat*. O Trio recebeu em 2010 o prémio ECHO para a Melhor Banda do Ano.

A colaboração entre Iyer e o poeta Mike Ladd, *Holding It Down: The Veterans’ Dreams Project*, baseado em sonhos de veteranos não brancos das guerras da América no Iraque e no Afeganistão, foi considerado, por *Los Angeles Times*, Álbum de Jazz do Ano e descrito pela *JazzTimes* como “apaixonado, inquietante, [e] comovente”. Com os projetos anteriores *In What Language?* (2004) e *Still Life with Commentator* (2007), *Holding It Down* forma uma trilogia de álbuns cáusticos sobre a vida americana pós 11 de setembro. Estes projetos foram considerados “muito imaginativos e relevantes” (*JazzTimes*) e apreciados por “a sua

poderosa invenção narrativa, pelo seu jazz arrebatador (...) um eloquente tributo aos poderes do espírito humano regeneradores e persistentes” (*Rolling Stone*).

A atividade de Iyer estende-se muito para além dos seus discos. Recentemente teve encomendas de composições como *Playlist for an Extreme Occasion* (2012) escrita para o Silk Road Ensemble (e incluída no seu álbum de 2013 *A Playlist Without Borders*), *Dig The Say* (2011) e *Time, Place, Action* (2014) para o Brentano String Quartet, *Bruits* (2014) para Imana Winds e o pianista Cory Smythe, *Rimba Transcriptions* (2012) escrita para Bang on a Can All Stars, *UnEasy* (2011), encomenda de NYC’s Summerstage em colaboração com a coreógrafa Karole Armitage, *Three Fragments* (2011) para Darcy James Argue’s Secret Society. A sua obra orquestral *Interventions* foi encomendada e estreada pela American Composers Orchestra em 2007 sob a batuta de Dennis Russell Davies. Entre outras obras compôs também *Mutations I-X* (2005) encomendada e estreada pelo quarteto de cordas ETHEL, *Three Episodes for Wind Quintet* (1999) escrito para Imani Winds, a música original para o espetáculo de teatro-dança *Betrothed* (2007), a música para o premiado filme *Teza* do notável realizador etíope, radicado nos EUA, Haile Gerima e, em colaboração com o realizador Bill Morrison, a premiada instalação audiovisual *Release* (2010). Encomendas em curso incluem peças para Jennifer Koh, Orpheus Chamber Orchestra e So Percussion. As parti-

turas das suas obras concertantes são publicadas pela editora Schott Music. Músico e produtor no campo da música eletrônica, mostra a sua arte em áudio digital nos seus próprios discos *Still Life with Commentator*,  *Holding it Down*, *Mutations* e *Radhe Radhe*, e nas suas misturas para Talvin Singh, um pioneiro da eletrônica na Ásia, para a banda *punk* islâmica The Kominas e a compositora e cantora Meredith Monk.

Iyer foi considerado em 2010 Músico do Ano pela Jazz Journalists Association e nomeado em 2011 como um dos “50 mais influentes indianos do mundo” pela revista *GQ India*. Outras distinções: Greenfield Prize, Alpert Award in the Arts, bolsa da New York Foundation for the Arts, India Abroad Publisher’s Special Award for Excellence e inúmeros prêmios da crítica.

Colaborou com Steve Coleman, Wadada Leo Smith, Roscoe Mitchell, Butch Morris, George Lewis, Amina Claudine Myers, William Parker, Graham Haynes, Miya Masaoka, Pamela Z, John Zorn. Rudresh Mahanthappa, Rez Abbasi, Craig Taborn, Ambrose Akinmusire, Liberty Ellman, Steve Lehman, Matana Roberts, Tyshawn Sorey, Dead Prez, DJ Spooky, Himanshu Suri dos Das Racist, High Priest of Antipop Consortium, DJ Val Jeanty, Karsh Kale, Suphala, Imani Uzuri, e Talvin Singh; os realizadores Haile Gerima, Prashant Bhargava, e Bill Morrison; os poetas Mike Ladd, Amiri Baraka, Charles Simic e Robert Pinsky.

Com interesses muito variados, a sua carreira tem-se desenvolvendo em múltiplas direções, abrangendo as ciências,

as humanidades, as artes. Tem um Ph.D. interdisciplinar em ciência cognitiva da música pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Publicou artigos no *Journal of Consciousness Studies*, *Wire*, *Music Perception*, *Jazz Times*, *Journal of the Society for American Music*, *Critical Studies in Improvisations*, nas antologias *Arcana IV*, *Sound Unbound*, *Uptown Conversation*, *The Best Writing on Mathematics:2010*, e no *Oxford Handbook of Critical Improvisation Studies*. Ensinou na Manhattan School of Music, New York University, em The New School e é diretor do The Banff Centre’s International Workshop in Jazz and Creative Music, um programa anual de três semanas em Alberta, Canadá. Finalizou uma residência de vários anos em San Francisco Performances, trabalhando com escolas e organizações da comunidade. ([www.vijay-iyer.com](http://www.vijay-iyer.com))

### **Stephan Crump** contrabaixo

Criado em Memphis, o contrabaixista e compositor Stephan Crump, também nomeado para os Grammy, vive em Brooklyn desde 1994. Líder de bandas e compositor, gravou 10 álbuns louvados pela crítica, para além de ter contribuído para numerosas músicas de filmes. Como contrabaixista, a sua preferência por música instrumental criativa tem-no levado a colaborar como muitos dos músicos inovadores da sua geração.

Ultrapassando barreiras de línguas musicais, tocou e gravou com uma diversidade de artistas que vão

de Dave McDonald dos Portishead, Gordon Gano dos The Violent Femmes, a Patti Austin, Jim Capilongo, Jorma Kaukonen, Lucy Kaplansky, Big Ass Truck, Sonny Fortune ou à lenda do *blues*, já falecido, Johnny Clyde Copeland. É membro, desde há anos, do Trio e do Sexteto de Vijay Iyer, da Jen Chapin Band, do Trio de Ches Smith, do Rez Abbasi Acoustic Quartet, do Liberty Ellman Sextet, dos Sreet Keeper (com Mary Halvorson), do seu próprio Trio Rosetta, bem como de grupos com Kris Davis, Ingrid Laubrock, Cory Smythe, Eric McPherson, Mat Maneri e Okkyung Lee.

Stephan vem de uma família de arquitetos, escultores, pintores, contadores de histórias, músicos, líderes cívicos e artesãos. Foi educado na música e nas artes pela sua mãe parisiense, uma pianista amadora, e pelo seu pai de Memphis, arquiteto, pintor e baterista de jazz. Durante os verões, trabalhava no estúdio do seu tio Stephen, escultor de madeira.

Completo o seu bacharelato em música no Amherst College onde foi aluno do compositor, vencedor de um prémio Pulitzer, Lewis Spratlan e recebeu o Sundquist Prize de instrumento e composição. Foi em Amherst que começou o seu trabalho com o contrabaixo, centrado na música clássica, que culminou com um ano de estudo em Paris com Patrick Hardouineau. Nos seus estudos de jazz em Amherst trabalhou com Max Roach, Frank Foster e Ray Drummond.

Crump iniciou os seus concertos a solo em 2009 como artista convidado na

conferência da International Society of Bassists e desde então também gravou vários discos documentando as suas colaborações em duo com o saxofonista Steve Lehman, o pianista James Carney e o guitarrista Mary Halvorson. O seu trio de cordas com Jamie Fox (guitarra) e Liberty Ellman (guitarra) está a trabalhar no quarto álbum e o seu quarteto Rhombal, com Tyshawn Sorey (bateria), Ellery Eskelin (saxofone tenor) e Adam O’Farrill (trompete), editou recentemente um disco com o nome da banda.

### **Justin Brown** bateria

Justin Brown nasceu em 1984 em Richmond, Califórnia. A sua mãe era organista, tocava música *gospel* nas igrejas, e foi ela que o introduziu na música, escolha que o pai sempre apoiou.

Estudou na famosa Universidade de Stanford. Desses tempos recorda a influência que em si teve o saxofonista cubano Yosvany Terry que, ao tocar com ele num *workshop* na Universidade, o encorajou a ir para Nova Iorque e a explorar a música cubana e africana.

Mudou-se para Nova Iorque e teve uma bolsa para estudar na Juilliard School of Music, também uma escola de excelência, mas em vez de aproveitar a bolsa e frequentar as aulas passou o primeiro ano da sua estadia na cidade a conhecer pessoas, a aprender mais sobre bateria, a tocar sempre que podia, por todo o lado, fossem igrejas ou clubes.

Em 2012 ficou em segundo lugar no Thelonious Monk Competition.

Tem tocado com músicos muito diversos e de renome (“a lista dos músicos com quem trabalhei está para além do que eu tinha imaginado quando fui para Nova Iorque”, afirmou numa entrevista).

As suas ligações mais estreitas são com o trompetista Ambrose Akinmusire (faz parte do quinteto, participando em três álbuns), o pianista Gerald Clayton (também participou em três dos discos de Clayton), o saxofonista Walter Smith III (é membro permanente do seu quinteto).

Com frequência é chamado a fazer parte do Trio de Vijay Iyer.

Compositor, Justin começou a apresentar-se em Nova Iorque com um grupo que lidera. Como ele diz, não tem pressa, o seu grupo há de germinar, a sua música há de amadurecer. (A partir de [www.jazzhot.net](http://www.jazzhot.net))

## Próximo espetáculo

© Nada Zgank

# Trojnik

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



**Jazz Qua 12 de outubro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

**Bateria** Vid Drašler

**Contrabaixo, eletrónica** Tomaž Grom

**Saxofone tenor** Cene Resnik

Pouco conhecemos neste lado da Europa do que vai acontecendo no jazz e na música improvisada da Eslovénia. Se as vindas a Portugal (com idas à Galiza nas mesmas ocasiões e semelhantes resultados) de Zlatko Kaucic fazem parte da nossa história, culminando numa apresentação do baterista com Peter Brotzmann nos concertos que há poucos anos tiveram lugar na Cafeteria Quadrante do CCB, e se as mais recentes aparições da pianista Kaja Draksler, a sós ou ao lado de Susana Santos Silva, fizeram-se notar, o certo é que na antiga Jugoslávia muito mais existe e importa conhecer. É o caso do trio Trojnik, reunindo três figuras exponenciais daquelas paragens, o saxofonista Cene Resnik, o contrabaixista Tomaž Grom e o baterista Vid Drašler. A imprensa

eslovena tem hesitado na maneira como os apresenta, ora juntando o prefixo “pós” ao rótulo *free jazz* para distinguir o grupo do que normalmente se faz nessa área, ou afirmando mesmo que os Trojnik estão a introduzir um novo género musical. Provavelmente, nem é muito importante chegar a uma conclusão, valendo mais o que fazem com os seus instrumentos. Expõem as entranhas destes, em composições instantâneas que têm tanto de visceral na expressão quanto de consistente na forma. Pois é altura de descobrir melhor o que se entende em Ljubljana como improvisação, e ninguém melhor do que o comissário do ciclo “Isto é Jazz?”, Pedro Costa, para nos proporcionar isso mesmo, dado que é também codiretor artístico do Ljubljana Jazz Festival.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Delfim Sardo

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

#### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do  
Cego nº50, 1000-300 Lisboa  
21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---